



A construção de identidade no adventismo brasileiro em sua relação com o pentecostalismo

The construction of identity in Brazilian Adventism in its relationship with Pentecostalism

Rodrigo Follis*
Isaac Malheiros**

Resumo: Apesar de haver aproximações teológicas entre o adventismo e o pentecostalismo, o movimento adventista tem feito um esforço para se distanciar do movimento pentecostal em alguns aspectos. Para abordar essas construções de identidades, o presente artigo analisa, através de um levantamento bibliográfico e de uma análise documental, a relação do movimento adventista brasileiro com o pentecostalismo, a fim de entender parte das construções de suas fronteiras identitárias. Para tanto, realiza uma pesquisa em todos os arquivos da Revista Adventista, desde as primeiras referências ao pentecostalismo, em 1924, até 2017. Esse levantamento possibilita a observação do processo de construção das fronteiras identitárias no adventismo, tendo como contraponto sua relação com o pentecostalismo. Ao se mapear as tensões entre diferenciação e homogeneização, é possível perceber que esses grupos, mesmo que involuntariamente, participam da construção dos mapas das identidades sociais. O adventismo reconhece proximidades com o pentecostalismo, mas apresenta fortes preocupações em manter fixas as fronteiras, e isto ajuda a entender o discurso de separação dos dois movimentos (principalmente através da supervalorização do conhecimento e da pregação cognitiva em detrimento ao emocionalismo).

Palavras-chave: Adventismo; carisma; pentecostalismo; identidades.

Abstract: Although there are theological approximations between Adventism and Pentecostalism, the Adventist movement has tried to distance itself from the Pentecostal movement in some respects. To approach these constructions of identities, this article analyzes, through a bibliographic survey and documentary analysis, the relationship of the Brazilian Adventist movement with Pentecostalism, to understand part of the constructions of its identity boundaries. For that, a search is carried out in all the archives of Revista Adventista, from the first references to Pentecostalism, in 1924, until 2017. This survey makes it possible to observe the process of construction of identity boundaries in Adventism, having as a counterpoint its relationship with Pentecostalism. When mapping the tensions between differentiation and homogenization, it is possible to see that these groups, even if unintentionally, participate in the construction of maps of social identities. Adventism recognizes closeness to Pentecostalism, but has strong concerns about keeping boundaries fixed, and this helps to understand the discourse of separation of the two movements (mainly through the overvaluation of knowledge and cognitive preaching at the expense of emotionalism).

Keywords: Adventism; charism; pentecostalism; identities.

* Professor do PPG em Teologia e do PPG em Educação do (UNASP, São Paulo-SP). Doutor em Ciências da Religião (UMESP, São Bernardo do Campo-SP). ORCID: 000-0002-5206-2540 – contato: rodrigo.follis@unasp.edu.br

** Doutor em Teologia (EST, São Leopoldo-RS). Professor no PPG em Teologia da UNASP (São Paulo-SP). ORCID: 0000-0001-9883-2638 – contato: pr_isaac@yahoo.com

Introdução

Em suas publicações oficiais, evitando declarações sectárias ou exclusivistas, os adventistas reconhecem que “a igreja universal é composta por todos os que acreditam verdadeiramente em Cristo” e que “Deus tem filhos em todas as igrejas” (IASD, 2008, p. 204, 223). No entanto, através de uma breve análise da literatura institucional adventista, é possível perceber a presença de uma preocupação em traçar linhas divisórias bem claras entre o adventismo e outros grupos religiosos, especialmente com o pentecostalismo. Este artigo procura entender essa complexa relação entre a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) e o movimento pentecostal/carismático, compreendendo assim uma importante relação socioteológica ocorrida no processo de diferenciação entre “o eu” e “o outro”. Essa realidade gera um abismo entre esses movimentos que é difícil de ser transposto. Talvez aumentado pelo cisma brasileiro de 1932, gerador do movimento pentecostal da Igreja Adventista da Promessa (IAP).

Como argumenta Marques (2013, p. 137), a diferença entre as doutrinas da IAP e da IASD se calca principalmente nas “peculiaridades pentecostais”; afinal, o primeiro grupo possui uma ênfase “na experiência extática, na crença de ser possível receber revelações diretas de Deus” (Queiroz, 2005, p. 107). A IASD e a IAP enfatizam o batismo do Espírito Santo; mas, a doutrina da IAP se distanciou da IASD ao considerar que esse batismo só seria legítimo se acompanhado da “glossolalia”. Marques (2013, p. 137) lembra que “a autodenominação ‘da promessa’ está estritamente relacionada ao batismo do Espírito Santo, apegando-se ao fato de Jesus prometer aos discípulos o batismo com fogo”. Porém, é possível afirmar que o pentecostalismo e o adventismo sempre tiveram uma estreita relação, muitas vezes conflituosa.

O início do pentecostalismo moderno pode ser localizado em 1906, entre cristãos que se reuniam na rua Azusa, em Los Angeles (EUA). Nessa mesma época, a IASD se debatia com o movimento perfeccionista da “Carne Santa”, que atingiu o seu ápice na reunião campal¹ de Muncie, Indiana, em 1900. Em reação à mensagem equivocada e ao culto ruidoso da “Carne Santa”, a cofundadora da denominação, Ellen G. White (1827-1915), escreveu textos contra o “perfeccionismo” e contra o emocionalismo na adoração². Uma das principais preocupações da escritora era o que ela considerava fanatismo, frequentemente relacionada a uma questão de desordem no proceder do culto, mas também havia uma profunda relação com a discussão doutrinária/teológica sobre o papel e a função do Espírito Santo. Além do caso da “Carne Santa”, houve outros incidentes, como, por exemplo, as experiências extáticas do casal Mackin (White, 2000b, pp. 362-368).

Essas experiências extáticas entre adventistas não são apenas frutos do pentecostalismo, e podem ser observadas em épocas anteriores e em diversas outras denominações

1 As reuniões campais (*camp-meetings*, i.e. acampamentos) eram prática corrente entre os evangélicos estadunidenses do século XIX. Eram eventos realizados em lugares retirados, em meio à natureza, que duravam vários dias, com várias sessões diárias de cultos e sermões. Os participantes se alojavam em barracas e tendas, e as reuniões religiosas também eram realizadas em tendas.

2 Um dos textos mais significativos sobre isso é: “As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana, o Senhor revelou-me que haviam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça. Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança” (White, 2000b, p. 36).

não pentecostais (e mesmo não cristãs). Ainda no milerismo, movimento precursor do adventismo, houve manifestações consideradas fanáticas (Schwarz e Greenleaf, 2009, p. 39).

A primeira reunião campal oficial da IASD organizada ocorreu apenas em 1º de setembro de 1868 e, segundo Schwarz e Greenleaf (2009, p. 153), foi realizada “[...] com algumas preocupações e temor do emocionalismo e desordem que frequentemente haviam desfigurado o tom espiritual das reuniões campais dos tempos coloniais [...]”.

Na literatura adventista, como será percebido neste artigo, é fácil perceber grande preocupação a respeito do perigo do emocionalismo e fanatismo. Em 1891, em um de seus discursos, Ellen White (1987, p. 904, tradução nossa) revela que sentia uma exagerada preocupação por parte dos adventistas de não serem confundidos com o *Movimento Holiness* ou mesmo com o *Exército da Salvação*, importantes antecessores do movimento pentecostal:

Quando falamos da graça de Deus, de Jesus e seu amor, falamos do Salvador como alguém que é capaz de guardar-nos do pecado, e salvar perfeitamente todos os que se achegam a ele, muitos vão dizer: “Ó, eu temo que você esteja seguindo o povo *Holiness*. Temo que você esteja indo atrás do *Exército da Salvação*.” Irmãos, vocês não precisam ter medo dos claros ensinamentos da Bíblia.

Assim, há alguma associação histórica entre adventismo e pentecostalismo. Certamente, são dois movimentos distintos e com bases claramente separadas por teologias até mesmo opostas em diversos assuntos. Mas a preocupação adventista em se distinguir dos pentecostais pode sugerir que a separação entre os movimentos talvez não seja tão óbvia; afinal, em tal temor incide uma realidade paradoxal: é exatamente por terem pontos em comum que os adventistas zelam pelas fronteiras entre os dois grupos.

Para discutir os conceitos de fronteiras e identidade desses dois movimentos religiosos, este artigo começará com uma discussão sobre tais termos, partindo posteriormente para um levantamento bibliográfico e uma análise documental do adventismo e sua relação com o pentecostalismo. Nesse último momento, nos ancoraremos em uma pesquisa feita dentro da *Revista Adventista*, documento oficial do movimento no Brasil e publicada por mais de 100 anos de forma ininterrupta. Ela pode ser acessada pelo seu endereço eletrônico (revistaadventista.com.br) e pesquisada *online* gratuitamente, tendo todo seu acervo disponível. Os dados desta pesquisa foram obtidos através da busca de termos como “pentecostal”, “pentecostais”, “pentecostalismo”, “pentecostes”, “carismático”, “carismáticos”, “carismatismo” e similares. Os dados encontrados vão de 1924 até 2017, ano de conclusão da pesquisa devido a disponibilidades técnicas do sistema (o que não inviabilizou as análises). Como os dados levantados parecem se concentrar na questão do emocionalismo e dos milagres pentecostais, esta pesquisa vai focalizar tais aspectos e não se dedicará a fazer uma análise comparativa exaustiva de todas as crenças adventistas e pentecostais, pois isso exigiria mais espaço do que este artigo prevê. No entanto, reconhecemos o potencial para futuras pesquisas nesse campo, e desejamos que outros aspectos da relação entre adventismo e pentecostalismo possam ser explorados.

Sobre identidade: o conceito do “outro”

A identidade religiosa é uma construção histórico-cultural do sentimento de pertencimento religioso que pode ser reconhecido socialmente. Essa identidade pode ser forjada em uma estrutura eclesial que, por sua vez, tem o poder de se opor a outras formas de identidade, demarcando fronteiras e garantindo sua territorialidade (Gil Filho; Gil, 2001, pp. 39-55).

Existem importantes meios de criação de estereótipos, padrões e outros textos culturais, como mostra Pierre Bourdieu (1992), em sua discussão sobre o *habitus*. Barro e Lopes (2008, p. 117) lembram que nossos gostos e preferências, por já se encontrar arraigados nas vivências diárias, “aparecem como evidentes, naturais” e fundamentados.

Parece ser coerente afirmar que o discurso identitário exista na realidade concreta da vida, embora podendo provir dos mais diversos locais, pois são muitas as vozes dentro da atual “polifonia discursiva inerente ao universo” social (Martino, 2010, p. 83). Com isso, faz-se importante a busca de um entendimento quanto aos limites dessas construções sociais, as quais chamamos aqui de hegemônicas:

As políticas da existência social parecem estar pautadas na articulação desigual de grupos dentro de um universo social historicamente constituído. Essa articulação é sempre um estado de tensão na busca da construção de hegemônias, isto é, na atribuição simbólica de um status legitimado para a definição dos estatutos de comportamento social. A hegemonia é constantemente construída e reconstruída pelos agentes sociais em disputa, garantindo assim a dinâmica própria da sociedade. Nesse sentido, hegemonia não é o controle absoluto, mas a vantagem significativa em um espaço de luta. Essa luta [...] não tem vencedores possíveis e se realiza em todos os campos, não apenas no econômico, mas também no político e, sobretudo, no cultural (Martino, 2010, pp. 146-147).

Dentro dessa lógica, Martino (2010, p. 59) aponta a variedade de tijolos para a construção da identidade contemporânea. A partir da transposição de mentalidades – da oral para a escrita e desta para a imagética –, que teve seu início mais perceptível em meados do século 18, teve uma considerável explosão na segunda metade do século 19 e continuou no século 20, a realidade social com certeza passa a ser definida de várias maneiras. Assim, diferentes movimentos, hora ou outra, nos absorvem e nos identificam. Passamos, cada vez mais, a ser parte do grupo X ou do Y, ser adventista ou pentecostal, a depender apenas de qual hegemonia estaria vigente na sociedade no momento da definição das fronteiras (Follis; Costa, 2018; Volf, 2021).

É aqui que Castells (2002, p. 22) considera a identidade como um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Assim, é preciso entender o processo de construção da identidade como uma formulação ao mesmo tempo do eu, mas também do outro – de quem sou e de quem não sou. É um processo inseparável devido ao “eu” não existir sem o “outro” para delimitá-lo e diferenciá-lo. Assim, a religião é uma das mais importantes fontes de construção identitárias, ajudando justamente nessas delimitações como um agente importante de construções de coesões e fronteiras (Castells, 2002, p. 29; Volf, 2021).

No caso do adventismo, Staples (1991, p. 66) afirma que o movimento busca não ser apenas “um sistema de crença”, mas, sim, “um estilo de vida”. Porém, tal conceito poderia ser facilmente aplicado aos movimentos pentecostais. O que é diferente é que, para alguns grupos, mudar sua identidade a partir das demandas sociais não é um problema em si, mas para o adventismo existe o perigo da destruição do que ele considera como sendo a identidade do grupo, demonstrando as importâncias das fronteiras. Por exemplo, no adventismo, teme-se perder “o conceito de ele fazer parte da ‘igreja remanescente’” (Velo, 2004, p. 245). Esse temor leva o adventismo a se preocupar em enfatizar um sistema de crença no qual existe uma necessidade intrínseca de ser mais racional que emocional (Velo, 2004, p. 244; Follis, 2018).

Do espontâneo ao formal

O metodismo revivalista, das tradições “fronteiriças” e das reuniões campais, teve uma influência muito forte nas práticas de adoração do adventismo primitivo/inicial. As primeiras reuniões adventistas se caracterizavam pelo entusiasmo fervente, zelo evangelístico e espontaneidade, que incluíam cânticos, brados, palmas, cura, choro e visões – um reflexo da cultura do século XIX (Stout, 2005, p. 430).

No entanto, a peculiar mensagem pré-milerista, a crença na autoridade objetiva da Bíblia e a ênfase na interpretação histórica da profecia bíblica estavam em oposição às maiores tradições estadunidenses dos anos 1850 e 1860. Além disso, apesar do fervor inicial, o culto adventista era mais contido do que os do “movimento de santidade”, por exemplo, e eles não usavam as práticas dramáticas e teatrais comuns para converter pessoas (Stout, 2005, p. 430). Dessa forma, o adventismo foi um movimento socior-religioso peculiar tanto na crença quanto nas práticas.

Para Burrill (2004, p. 115), a maioria dos adventistas atuais ficaria desconfortável nos cultos adventistas primitivos, que lhes pareceria “pentecostalismo” hoje. Mas o entusiasmo fervente que caracterizou a adoração adventista durante o final da década de 1840 e na década de 1850 foi sendo substituído por uma adoração mais moderada, solene e formal por volta da década de 1870 (Graybill, 1991, p. 12; Stout, 2005, p. 430). As razões sugeridas para essa transição têm sido: 1) um processo natural causado pelo crescente nível de educação e sofisticação dos membros; 2) mudança cultural no cenário norte-americano em geral; e 3) o extremismo e fanatismo de grupos como o movimento da “Carne Santa” (Graybill, 1991, p. 12; Sepulveda, 2007, pp. 1-9).

O pentecostalismo foi desaprovado pela maioria dos protestantes em seu início, e os adventistas em sua grande maioria também o rejeitaram. A IASD passou a se distanciar dos extremos dos anos iniciais e a se aproximar do estilo de adoração das principais correntes protestantes, litúrgicas e tradicionais (Burrill, 2004, p. 117). Nos anos 1890, o adventismo já estava se tornando uma religião mais da “mente”, com ênfase em pregações cognitivas e adoração padronizada (Stout, 2005, p. 430). O adventismo foi assimilando a cultura religiosa estadunidense e perdendo o seu radicalismo, alinhando-se à “mitologia puritana da nação” (Sepulveda, 2001).

Aos poucos, o adventismo passou a ver com bons olhos o culto de tradição puritana, formal, rígido e que seguia normas e padrões fixos, em que manifestações de emoções não eram bem-vistas (Bruinsma, 2009, p. 80-81). Sepulveda (2001; 2007)³. Em 1929, a IASD lançou a revista *Ministry*, um periódico destinado a pastores. Os artigos orientavam os líderes a usarem música apropriada nos cultos e a fazer pregações mais racionais em vez de emocionais.

Por volta da década de 1950, a nova cultura adventista já havia tomado corpo. A primeira metade do século XX testemunhou a ascensão do “adventismo ‘de colarinho branco’”, e o *Questions on Doctrine* reflete parte do esforço do adventismo para figurar no cenário protestante conservador de maneira respeitável (Sepulveda, 2007, p. 8)⁴. O auge dessa tentativa de alinhamento ao protestantismo conservador (sem comprometer crenças distintivas do adventismo) se deu com a publicação do livro *Questions on Doctrine*, em 1957. Tal publicação resultou no reconhecimento da IASD como um grupo verdadeiramente cristão, e não uma seita, por parte de influentes líderes evangélicos (Knight, 2009, pp. 11-22).

Entre o cessacionismo e o pentecostalismo

O adventismo tendeu a se alinhar à forma de culto dos protestantes conservadores (incluindo calvinistas/puritanos), mas mantém profundas diferenças teológicas com alguns deles no tocante ao Espírito Santo e os dons espirituais. Em sua declaração de *Crenças Fundamentais*, está claro que a IASD crê que os dons espirituais continuam ainda no presente. A crença 5, “O Espírito Santo”, estabelece que “ele concede dons espirituais à igreja”. A crença 17, “Dons e ministérios espirituais”, afirma que Deus concede dons espirituais “em todas as épocas”.

Os adventistas ainda dedicam um item especificamente ao dom de profecia (crença 18, “O dom de profecia”). Isso revela a importância que esse dom, manifestado especialmente no ministério de Ellen White, tem na teologia adventista. A crença cessacionista, presente em boa parte do protestantismo reformado, estabelece que o dom de profecia cessou com a morte dos apóstolos, e o atual dom de profecia é apenas sinônimo de pregação⁵. Ao contrário, a crença adventista refere-se à continuidade do dom sobrenatural de receber revelações divinas, incluindo sonhos e visões.

Nesses pontos, a IASD estaria mais alinhada aos pentecostais do que aos reformados cessacionistas. No entanto, a literatura adventista, como veremos adiante, deixa

3 Entre as congregações adventistas afro-americanas, o processo parece ter sido um pouco diferente. Aparentemente, os negros não foram tão rápidos em assimilar o novo estilo de adoração. Ver White (1895) e Warren (1996, pp. 187-192).

4 Apesar de Knight (2009, p. 24) reconhecer que *Questions on Doctrine* não representou “uma capitulação aos evangélicos para ganhar seu reconhecimento”, ele deixa claro o desejo dos editores de “agradar” e “chegar à unidade com os evangélicos [...] sem comprometer as crenças distintivas da denominação” (Knight, 2009, p. 25). Ver também Knight (2005, pp. 170-184); Graybill (1976).

5 A *Confissão de Fé de Westminster* afirma no capítulo I: “A cessação da revelação especial pelos antigos modos” (seção 1); “A declaração da suficiência das Escrituras: ‘nada se acrescentará’” (seção 6); e “O Espírito Santo fala por meio da escritura sagrada” (seção 10); deixando clara a posição cessacionista quanto à revelação especial.

transparecer que o cessacionismo poderia parecer mais tolerável (ou menos perigoso), que as manifestações extáticas pentecostais. Porém, o cessacionismo, se verdadeiro, tornaria Ellen White uma falsa profetisa e a IASD uma seita.

Diante disso, surge a pergunta: até que ponto as doutrinas do Espírito Santo e dos dons espirituais estão relacionadas à forma de culto adventista, suas músicas e suas práticas? Como foi possível o adventismo se aproximar do culto litúrgico das igrejas de tradição puritana cessacionista e suspeitar do culto espontâneo revivalista?

A memória coletiva do movimento fanático da “Carne Santa”, em Indiana, parece responder a essas questões (Patrick, 1999). Os excessos cometidos em Indiana geraram advertências de Ellen White, que profetizou um fanatismo semelhante perto do fim dos tempos⁶. Por medo de repetir o ocorrido em Indiana, o culto é mantido sob vigilância:

[...] o pastor tem o dever de ajudar os que querem alterar a liturgia simplesmente pelo prazer de mudar. Ao perceber qualquer laivo de pentecostalismo ou ecumenismo, é seu dever esclarecê-los sobre a direção recomendada e impedir que elementos estranhos interfiram na adoração (Sarli, 2013, p. 7).

É fácil encontrar alertas a respeito da infiltração de práticas consideradas pentecostais no adventismo, mas não é comum encontrar alertas contundentes a respeito de práticas com “qualquer laivo” de protestantismo cessacionista.

No tópico a seguir, será analisado o modo como os adventistas retrataram o pentecostalismo em sua publicação oficial dentro do território brasileiro, a *Revista Adventista*. Essa análise tornará possível a aplicação das teorizações anteriores sobre as fronteiras religiosas como constructos sociais ocorridos dentro do adventismo brasileiro.

Fronteiras entre pentecostais e adventistas: levantamentos na Revista Adventista⁷

Nos primeiros números da *Revista Adventista*, percebe-se o uso do termo “pentecostal” como referência ao “Pentecostes” bíblico e não a um grupo religioso específico. Isso fica claro nas edições de outubro de 1924 (p. 2), onde lemos sobre “a reunião de oração pentecostal”, ou na edição de março de 1925 (p. 5) sobre “a benção [sic] pentecostal”, o mesmo ocorrendo em outubro de 1925 (p. 18). Sobre o crescimento do adventismo na Austrália em 1928, mencionado em agosto de 1926 (p. 5), o editor diz que ele tem “sido na verdade Pentecostal”. A mesma expressão é usada para referir-se ao poder recebido após o batismo, na edição de agosto de 1928 (p. 5).

6 O texto está em White (2000a, p. 36): “Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança. Os sentidos dos seres racionais ficarão tão confundidos que não se pode confiar neles quanto a decisões retas. E isto será chamado operação do Espírito Santo.”

7 Por uma questão de espaço e de resguardo ético, os artigos da *Revista Adventista* serão citados sem mencionar especificamente os nomes de cada autor. Eles também não serão referendados ao final, pois todas as informações necessárias para se localizar os artigos se encontram diretamente no texto (além de os considerarmos como parte do *corpus* e não das referências do presente trabalho). Também se manterá a grafia original da pesquisa, dado que temos textos escritos desde 1924 até 2017 e a evolução da língua precisa ser respeitada.

A primeira vez em que aparece o termo pentecostal referindo-se a um grupo religioso parece ser em março de 1932 (p. 13), em que uma pequena nota discorre sobre a acusação de os adventistas serem, na verdade, “Ladrões de ovelha”. O texto argumenta que “[...] muitas vezes ouvimos a allegação dos oponentes dos adventistas do setimo dia, de que nós não trabalhamos entre os catholicos mas o que procuramos fazer é levar a confusão para o meio das outras igrejas protestantes. Em outras palavras, somos ‘ladrões de ovelhas’ [sic]”. A partir disso, o autor argumenta, com dados de batismos dos últimos três anos, que mais de 60% dos batizados eram provenientes do catolicismo, e entre outras denominações vemos, na lista, os pentecostais, com apenas 0,15% de conversões ao adventismo.

A primeira conversão de um pentecostal ao adventismo narrada na revista é de agosto de 1933 (p. 10), numa carta recebida por um pastor que atuava no norte do Brasil: “Em Manaus encontrei um pregador ex-pentecostal, que achara a verdade pela leitura de nossos livros, e está agora aguardando oportunidade para baptizar-se [sic]”. Nas edições seguintes, os termos são utilizados novamente para referir-se apenas ao evento bíblico do Pentecostes (janeiro de 1934, p. 6; e julho de 1934, p. 4).

A primeira vez que há uma abordagem apologética contrária ao movimento pentecostal é em abril de 1938 (p. 6). É possível notar só pelo título, “Confissões de um Pentecostista”, a linha que a coluna iria tomar. Citando a revista *The Evangelical Christian*, o texto traz:

O fanatismo do passado arruinou muito campo promissor. Fui um dos fanaticos durante mais de cinte annos e não é surpresa para mim que alguns dos mais espirituaes professores de Bíblia nada queiram saber de tal coisa. O povo tem estado tristemente necessitado de exposição biblica, mas não ha nem um grande expositor da Bíblia no chamado “Movimento Pentecostal” [sic].

A primeira vez que aparece a expressão “pentecostalismo” é em março de 1971 (p. 26), numa nota que conta a história de um jovem que, “desiludido com o pentecostalismo, uniu-se à igreja remanescente” (nome dado ao movimento adventista). Já na edição de agosto de 1974 (p. 31), aparece uma pergunta, enviada por um leitor: “Que objeção os senhores têm a fazer contra o moderno movimento carismático [,] que parece estar tomando de assalto tantos crentes nas várias denominações evangélicas? Há perigo desta infiltração na Igreja Adventista do Sétimo Dia?”

A resposta de um dos editores da revista ressalta vários dos pontos que motivaram o presente trabalho: “[...] somos informados de que a santificação requerida por Deus não consiste em arrebatamento nem em êxtases”. Assim, ele começa a construir o pensamento de que entre a lei divina (objeto natural do processo teológico adventista) e o êxtase existe uma separação sistêmica, em que predomina a ordem cognitiva do conhecer a Deus e não o sentir do Espírito. O texto ainda afirma que o caminho correto é “viver por toda a palavra que sai da boca de Deus. É obedecer a Deus, quando é fácil e quando é penoso”. A obediência é claramente associada à crença cognitiva e não às experiências sobrenaturais, como destaca o autor: “[...] a característica de muitos dos assim chamados reavivamentos religiosos é uma busca ansiosa de sinais de poder. Homens e mulheres são ambiciosos por possuírem o poder de Deus, mas não o seu caráter.” No final, há uma afirmação de que o pensamento do “outro”, no caso o pentecostal, é o engano:

Quanto à parte final da pergunta [,] o irmão deve reler o que a *Revista Adventista* publicou ultimamente sobre experiências carismáticas nos primórdios da Igreja Adventista. Houve ameaça de o terrível engano das línguas e curas infiltrar-se na igreja ainda em formação, mas o dom profético – que prova a legitimidade do movimento adventista – revelou a ilegitimidade dessas manifestações e acabou repelindo o engano.

Não muito distante, na revista de setembro de 1974 (p. 32), um leitor questiona: “Ouvi dizer de uma doutrina que existiu na Igreja Adventista, denominada ‘Carne Santa’. Que vem a ser isso?” Na resposta, o editor afirma que jamais houve uma doutrina assim no adventismo, o que pode ser verdade dependendo do que se considera por doutrina. Apesar de o movimento da Carne Santa ter sido patrocinado por diversos líderes da instituição nos Estados Unidos, em torno de 1900, ele foi desmantelado através da postura contrária de Ellen White. Entretanto, é interessante notar que a revista enfatiza o estilo de liturgia e não a doutrina (grifo nosso):

As reuniões religiosas desse grupo eram barulhentas, *cheirando a pentecostalismo*, não faltando demonstrações físicas, convulsões, prostrações, ao som de instrumentos de música e tambores. Quem, após o êxtase, ficasse inconsciente, era levado ao púlpito e, ao voltar a si, era declarado com carne santa. [...] O mais importante era que a Sra. White se achava na Austrália e lá lhe foram revelados testemunhos de reprovação a esse fanatismo.

É certo que o autor, ao chamar tal movimento de “fanatismo”, não se refere apenas às questões diretamente ligadas ao culto, mas também à crença propagada pelo movimento de que ao viverem tais experiências seria possível um corpo semiglorificado e totalmente preparado para a trasladação para o céu. Entretanto, salta aos olhos a expressão “cheirando a pentecostalismo”, utilizada de forma pejorativa, demonstrando a preocupação em não se parecer com tal movimento.

Em janeiro de 1977 (p. 2), um editorial tenta responder a uma pergunta feita por um leitor: “Por que não há milagres na Igreja Adventista?” Depois de citar um texto no qual Ellen White menciona que antes da volta de Jesus à Terra haveria um grande reavivamento entre os crentes, o texto argumenta que, segundo a mesma autora, antes que esse tempo chegasse, muitas “contrafações” entrariam no “arraial do povo de Deus”. Sendo assim, acredita que as curas ocorridas no pentecostalismo ou no neopentecostalismo não seriam por si mesmas sinais dos dons espirituais, mas que poderiam ser a demonstração das contrafações satânicas. Tal mensagem não deixa de se ancorar no conceito do outro como o engano.

Uma entrevista de janeiro de 1977 (pp. 5-7) aborda diversas questões referentes ao pensamento adventista sobre o pentecostalismo. Sempre se pautando na dicotomia “eu-outro”, o autor afirma que é preciso falar contra a teologia acerca do Espírito Santo provinda daquelas “[...] igrejas que se colocam sob o poder sedutor de Satanás e que reclamam ter recebido a bênção especial do Espírito Santo” (p. 5). O entrevistado alerta que “[...] os não-cristãos e cristãos de todas as denominações estão se unindo em torno de uma experiência espiritual e não em torno de doutrinas” (p. 6). Essa entrevista tem muito mais cunho apologético do que a maior parte das entradas citadas anteriormente. Não se percebe como objetivo primeiro do discurso teológico o embate entre o eu-outro, mas, sim, a construção do pensamento adventista a partir do outro. Discorda-se do outro, colocando em xeque a legitimidade do seu reavivamento:

[...] o carismatismo promete às igrejas protestantes e católicas a fonte do reavivamento, e este reavivamento é o falso reavivamento profetizado, que precederá o reavivamento verdadeiro no final da história do mundo. O falso reavivamento, junto com a união das igrejas, conduzido pelo movimento carismático, são sinais especiais para a igreja remanescente de que Jesus voltará em breve.

A edição de julho de 1979 (pp. 38-42) apresenta um artigo que pretende identificar “as reminiscências do paganismo” entre adventistas. Uma dessas reminiscências teria a ver com o pentecostalismo:

[...] são lembranças do pentecostalismo os arroubos peculiares, na congregação ou mesmo particularmente, quando em conversa sobre coisas da Bíblia, além do espírito de fanatismo quanto ao vestuário, etc. Muito cuidado devemos ter, também, com a invasão de hinos inteiramente fora de idiossincrasia adventista e ainda com a maneira de cantar hinos de nosso próprio repertório. São característicos, hinos do tipo: “Pedro chorou, chorou, chorou, chorou, Estava arré-pendido, pois a Jesus negou...”. Revelem-nos os leitores sensíveis esta menção textual, porém as incursões na área da música são tão grandes e massificantes, que cremos ser necessário pelo menos um exemplo. É triste lembrar que muitos em nosso meio andam cantando aberrações dessa natureza, que atentam contra a doutrina musical, a doutrina vernácula, além de atentar contra as puras doutrinas da Igreja Adventista, o que é mais grave. Por outro lado, a própria música profana, que só possui ritmo, já invadiu o panorama evangélico em geral, do protestantismo apóstata. Tal estilo de música ousadamente salta o muro e vem parar nos nossos arraiais. São esses hinos “alegres”, “movimentados”, hoje propagados por gravadoras evangélicas. Nenhuma parte deveríamos ter com isso. A nós nos compete cantar hinos de verdade, como os que temos já em esquecimento no hinário *Melodias de Vitória*, por exemplo. Não nos esqueçamos de que somos o povo por excelência que aguarda a volta do Senhor!

A argumentação básica aqui volta a ser quanto à singularidade do eu perante o outro, enfatizando alguma forma de supremacia adventista perante diversas demonstrações da cultura secular e mesmo religiosa. As edições de maio e junho de 1982 abordaram a questão do dom de línguas. O artigo levanta a possibilidade de o “moderno movimento de línguas” ser: 1) uma ação diabólica; 2) uma fraude; 3) em diversos casos, uma mera hipnose; 4) uma catarse psíquica; 6) um processo que levaria ao orgulho espiritual, pois seríamos melhores do que aqueles que não tiveram a experiência (p. 36). Nesse artigo, os argumentos estão mais direcionados a uma reflexão teológica do que a um mero ataque ao outro. Discordando-se do objeto apreendido, mas não necessariamente por questões de uma suposta superioridade provinda de um exclusivismo, assim, mesmo crítico, é perceptível o avanço no trato com o outro.

Em dezembro de 1984 (p. 30), a revista trouxe a história de um pastor da Assembleia de Deus que se converteu ao adventismo, e o resultado foi que “[...] famílias inteiras de Eunápolis têm deixado o pentecostalismo e procurado a Igreja Adventista do Sétimo Dia”. De maneira semelhante, na edição de junho de 1994, há o relato da conversão de um jovem “ligado ao pentecostalismo”.

Em um artigo de julho de 1996, o autor enumera nove pontos referentes àquilo que ele considera ser fundamental para a compreensão das profecias acerca do fim do mundo. No terceiro ponto, “Carismatismo e pentecostalismo”, vê-se a seguinte argumentação:

A função destes fortes movimentos no processo ecumênico, é determinante. É visível a onda de carismatismo que se espalha nas igrejas nas igrejas tradicionais que estacionaram ou diminuíram o número e a presença de fiéis nas reuniões de culto. Hoje,

o pentecostalismo é o selo de sucesso para qualquer movimento religioso que deseje crescer quantitativa e financeiramente. Até mesmo na Igreja Católica, tradicionalmente conhecida pela sua rigidez ortodoxa, existe uma forte ala carismática que apresenta a forma de culto semelhante à das demais igrejas pentecostais. O carismatismo tem duas funções na profecia. A primeira é criar um elo entre as igrejas com a prática do dom de falar línguas estranhas como evidência do batismo do Espírito Santo. E sua segunda função profética: Este movimento cumprirá o falso reavivamento que imitará o refrigério que acontecerá com a Igreja Adventista próximo ao tempo do alto clamor, criando, assim, nos indecisos que se encontram em Babilônia, dúvidas sobre a veracidade da manifestação do povo do Senhor.

Em dezembro de 1996, a revista trouxe um artigo intitulado “Poder do alto: cada obreiro deve fazer sua petição a Deus pelo batismo do Espírito Santo” (pp. 10-12). Nele, o autor discorre sobre o que seriam os verdadeiros sinais do derramamento do Espírito, apresentando o pentecostalismo como uma experiência equivocada. O artigo tem tom apologético, e apresenta o adventismo e o pentecostalismo como duas visões distintas. O autor destaca um evento ocorrido na história do adventismo em 1863, em Portland (EUA), no qual Ellen White teria vivido “o seu mais áspero confronto com as manifestações de falso carismatismo”, e afirma também que as palavras dela teriam sido “decisivas no combate ao erro” (p. 12). Afinal, discorre o autor, “podemos ver em suas [de White] advertências certas similaridades entre as falsas manifestações naqueles anos primitivos do adventismo e as que ocorrem hoje no movimento carismático”. Por fim, o autor afirma algo que será avaliado a seguir neste trabalho:

Esse tipo de religião emocional seria o aspecto do carismatismo que mais exerce poder de fascínio sobre alguns dos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Provavelmente, porque somos doutrinariamente orientados em nossa vida como comunidade de adoração e louvor; e, de certa forma, nossa orientação doutrinária restringe expressões emocionais desordenadas. Adorar a Deus, como um adventista, é, antes de tudo, uma atividade que apela à nossa razão. As emoções não são excluídas, mas ficam sob o controle da mente santificada pelo Espírito Santo. [...] Por outro lado, o fascínio pode estar sendo exercido porque o carismatismo se tornou aceito por grande número de pessoas no mundo, uma massa de seguidores conquistados de todas as denominações cristãs, inclusive a Igreja Católica Romana. [...] Hoje, nos modernos e suntuosos templos do pentecostalismo e nas seculares catedrais do catolicismo romano, reúnem-se, não apenas pobres, mas membros da chamada alta sociedade. A maioria, gente moralmente inatacável. Estejamos em guarda porque “o tentador frequentemente opera com muito êxito por meio de quem menos se suspeita estar sob o seu domínio”.

Esses dois artigos de 1996 apresentam uma técnica mais agressiva de apologética, contrapondo dicotomicamente o certo e o errado, não dando brechas para a existência de quaisquer argumentos socioteológicos em suas construções discursivas (embora eles existam, é claro).

Em outro momento, um pastor adventista responde, na edição de maio de 1997, uma pergunta sobre o movimento *celebration*, um estilo de culto/liturgia mais alegre e sem tantas estruturas formais, adotado em diversas igrejas adventistas dos Estados Unidos. Com tato, ele argumenta o seguinte em sua pequena resposta:

Apenas mencionar a palavra *celebration* leva muita gente a se colocar em estado de alerta e em posição de defesa. Ou ataque. Veem o *celebration* como uma ameaça vinda do pentecostalismo, carismatismo ou ecumenismo. Pensam que é um sinônimo de frivolidade, desordem, barulho, ou culto como entretenimento, ou a secularização

do sacro. Com essa moldura, irmãos de mais idade resistem a qualquer mudança ou inovação no culto, porque veem essas mudanças como uma apostasia dos marcos da igreja, algo que pode sacudir os pilares daquilo que defendemos e do que nossos pioneiros ensinaram. [...] Se você gosta de cultos onde tudo seja silêncio, não condene se num dia a congregação participar com mais entusiasmo nas diversas partes do culto. Nem devem aqueles que querem inovar condenar os que apreciam a quietude de um culto mais silencioso.

Em uma pequena nota opinativa, em junho de 2002, o editor da revista argumenta sobre os “Desafios do crescimento” da IASD, mencionando o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil:

A vida cristã, da liturgia ao cotidiano, é direcionada à adoração de um Deus transcendente, revelado à humanidade através de Cristo e de sua palavra. O estudo da revelação e a aceitação incondicional de sua validade são requisitos básicos para o viver religioso. Com o desenvolvimento do pentecostalismo, essas exigências foram minimizadas. A revelação de Deus passou a ser tratada como experiência individual, sentida em transe, êxtases e manifestações sobrenaturais. A crença no Deus soberano, ao lado do crente nas alegrias ou tristezas, foi substituída pelo deus condicionado aos caprichos humanos, obrigado a dar tudo o que seja pedido com “fé” (e doações generosas). O perigo é que nesses moldes o fiel despe-se da fidelidade. Assemelha-se ao consumidor ou telespectador que, se contrariado, muda de produto ou de canal. A igreja que se pauta pela lógica de mercado para seduzir o crente pode ter um crescimento invejável, mas não serve para transformar o pecador. É transformada por ele. Torna-se refém de seu próprio sucesso hipnótico.

O autor retrata o pentecostalismo como pouco racionalista e muito emocionalista. A edição de agosto de 2003 traz um texto (pp. 8-9) que cita o crescimento dos “movimentos ligados ao pentecostalismo”. O autor pondera que parece ser verdade que “vários deles acatam supostas revelações do Espírito Santo como sendo até mais importantes do que o testemunho bíblico”. Tal característica, segundo o autor, é algo a ser combatido e modificado. Afinal, aquilo que não vem da “razão cognitiva” não teria condições de ser vontade de Deus.

A revista de julho de 2009 traz um texto sobre a volta de Jesus (pp. 8-10). Nesse texto é apresentado um apelo para que o adventismo não perca tempo, vivendo das emoções iguais os grupos neopentecostais:

No Brasil, um fenômeno que intriga sociólogos e teólogos é o surgimento de uma cultura religiosa pós-moderna. É um tipo de religiosidade pregada e vivida principalmente pelos movimentos neopentecostais e carismático católico. A mensagem e o estilo de vida defendidos por esse segmento atraem milhões de pessoas que se sentem livres para misturar o santo com o profano e buscar uma religião marcada por emoção e imediatismo. [...] Essa ideologia também traz consigo forte apelo às emoções. Não é sem razão que o protestantismo, historicamente defensor de um culto racional centralizado na exposição da Bíblia, tenda agora para uma adoração fundamentando no sentimentalismo. O êxtase é buscado como símbolo da presença e bênção de Deus, através de músicas repetitivas, apelativas e de ritmo secular. A pregação se tornou superficial, baseando-se mais no carisma do orador do que na coerência bíblica da mensagem. [...] O que chama a atenção é que algumas pesquisas acadêmicas têm diagnosticado esses sintomas no adventismo. Estudos observaram essa tendência, em maior ou menor grau, no conhecimento superficial dos jovens sobre as profecias de Daniel e Apocalipse; no caráter menos litúrgico e mais de entretenimento dos cultos JA; nas pregações mais existencialistas e menos doutrinárias nos púlpitos adventistas; e em uma aproximação da produção musical adventista com a dos neopentecostais.

Até aqui vimos um panorama da pesquisa censitária feita na *Revista Adventista*. Ele resume bem os achados, mas não são, de maneira alguma, todos eles. Com isso em mente, podemos passar a discutir socioteologicamente esses achados.

Pensamento teológico adventista: motivações para um suposto antipentecostalismo

A IASD deriva diretamente de um movimento iniciado por William Miller⁸ durante as décadas de 1830 e 1840. Tal movimento pregava a vinda de Jesus Cristo como certa para aquela época, chegando a marcar datas para tal evento, a mais famosa sendo a de 22 de outubro de 1844. Como a expectativa não se confirmou, na tentativa de entender o que havia de errado em seu entendimento profético, aqueles primeiros adventistas, ainda desiludidos, acreditaram estarem sendo chamados pelo Espírito Santo, o qual iluminaria a Terra com sua glória (Ap 18:1) (Timm, 2000, p. 131).

A ação do Espírito Santo na perspectiva adventista está ligada à consumação da pregação adventista que antecede o retorno de Jesus Cristo à Terra. Dessa maneira, a IASD passou a se enxergar como tendo a responsabilidade de ensinar a Bíblia a todos os seres humanos (Knight, 2005, pp. 75-83). Essa mensagem sempre foi vista de maneira cognitiva, e aqui acreditamos estar a chave para entender a relação do adventismo com a doutrina provinda do pentecostalismo.

A IASD desenvolveu uma organização forte e altamente centralizada (Oliveira Filho, 2004), o que permite um controle interno maior e mais global do que o ocorrido em diversas outras denominações protestantes e pentecostais. É nesse processo de institucionalização que podemos encontrar contribuições para uma das possíveis respostas para a problemática. A unidade proporcionada pelo ministério profético de Ellen White (Douglass, 2001, p. 182), faz com que White sacralize o conceito de carisma (Carvalho, 2013).

Esta pesquisa sugere que o afastamento institucional do adventismo quanto a qualquer manifestação carismática/pentecostal deve ser compreendida à luz do contexto histórico em que o adventismo surgiu e do processo de burocratização do pensamento teológico através das instituições adventistas. Por isso, é necessário levar em conta o desenvolvimento histórico do adventismo e entender o papel de Ellen White para entender as manifestações de antipentecostalismo na história da IASD.

Por surgir em pleno século XIX, o qual se vê tomado pela grande expansão da ciência e do pensamento modernista, é de fácil entendimento as razões da tradição que o adventismo tem em buscar sistemas lógicos para formular crenças como também de transmissão do conhecimento acumulado. O conceito de ser portador de uma verdade exclusiva evidencia, na opinião de Ismael Fuckner (2012, pp. 159-169), uma religiosidade calcada no pensamento filosófico da modernidade. Tal autor nos lembra as palavras de Pierre Sanchis acerca do termo “modernidade”, para quem ela seria a representação

8 Para compreender o pensamento de William Miller, ver Nichol (1945).

ideal do indivíduo portador de uma razão única, de uma decisão soberana, que se exerce nos quadros de uma lógica universal (Sanchis, 1997).

Se, por um lado, a modernidade trouxe grandes avanços ao tentar melhorar o mundo à nossa volta através de uma iluminação e da busca racional por evidências que dessem sentido à existência humana, ela também pode ser acusada do surgimento de grupos de livres interpretações de textos e livros místicos/religiosos. Sobre isso, Leonildo Campos (2008, pp. 1-26) aponta a tensão entre “a letra que mata” e o “espírito que vivifica”, que ficou como marca principal de vários reavivamentos religiosos, como o “surgimento do pietismo alemão, do avivalismo inglês e norte-americano, e no início do século XX, da explosão de pentecostalismo”. Assim, Campos nos lembra das tensões, já apontadas por Mendonça (2008, p. 78), entre a racionalidade provinda do protestantismo e o misticismo emocional ligado a grupos pentecostais. É perceptível a influência dessas articulações na formação das ideias mileritas, conseqüentemente influenciando também o pensamento da IASD.

Apesar de a abordagem racionalista ser evidente na história da teologia adventista, é preciso olhar outro lado de tal construção socioteológica. É interessante notar que, apesar de argumentar em favor do conhecimento cognitivo da doutrina bíblica, Ellen White (2007, p. 309) também defendeu o valor da experiência cristã, especialmente no contexto da crise enfrentada pelo adventismo em 1888, ano da conferência de Minneapolis (EUA)⁹:

O maior dos enganos do espírito humano, nos dias de Cristo, era que um mero assentimento à verdade constituísse justiça. Em toda experiência humana, o conhecimento teórico da verdade se tem demonstrado insuficiente para a salvação da alma. Não produz os frutos de justiça. Uma cuidadosa consideração pelo que é classificado verdade teológica acompanha frequentemente o ódio pela verdade genuína, segundo se manifesta na vida. Os mais tristes capítulos da história acham-se repletos do registro de crimes cometidos por fanáticos adeptos de religiões. Os fariseus pretendiam ser filhos de Abraão e vangloriavam-se de possuir os oráculos de Deus; todavia, essas vantagens não os preservavam do egoísmo, da malignidade, da ganância e da mais baixa hipocrisia. Julgavam-se os maiores religiosos do mundo, mas sua chamada ortodoxia os levou a crucificar o Senhor da glória. O mesmo perigo existe ainda. Muitos se têm na conta de cristãos, simplesmente porque concordam com certos dogmas teológicos. Não introduziram, porém, a verdade na vida prática. Não creram nela nem a amaram; não receberam, portanto, o poder e a graça que advêm mediante a santificação da verdade.

É importante destacar que, apesar de denunciar os erros doutrinários e práticos das outras denominações cristãs, White (2014, p. 383) não sustenta um discurso exclusivista, afirmando que “a maior parte dos seguidores de Cristo” encontra-se, “sem dúvida, nas várias igrejas protestantes que professam a fé protestante”, e que

9 Ellen White e dois jovens pastores, A. T. Jones e Nicho. J. Waggoner, começaram a pregar que o adventismo precisava obter uma ênfase que privilegiasse a justificação e graça de Cristo, equilibrando a pregação da lei e do sábado, considerada de certa forma um tanto legalista (ver Knight, 2004). É interessante notar como a crise de 1888 foi marcada por dois grupos de proeminentes líderes adventistas, e a questão da racionalidade versus o sentir da religião estava presente nessa discussão, embora não com tal terminologia. Um exemplo disso é a crise entre Ellen White e o pastor Conrad. Renato Stencil e Alex Voos (2013) afirmam que a verdade era vista por ele “como uma teoria ou postulado, sendo experimentada apenas em seu âmbito seco e racional. Não havia espaço para experiências mais pessoais e profundas com Deus [...]”.

Deus tem filhos, muitos deles nas igrejas protestantes, e um grande número nas igrejas católicas, que são mais fiéis para obedecer à luz e para proceder de acordo com o seu conhecimento do que um grande número entre os adventistas observadores do sábado que não andam na luz (White, 2000b, p. 386).

Portanto, apesar de sustentarem doutrinas distintivas e discordar do ensino teológico das outras denominações, qualquer postura sectária ou exclusivista diante do fenômeno pentecostal parece não estar alinhada às declarações dos documentos oficiais da IASD e de White.

Considerações finais

O adventismo reconhece proximidades com o pentecostalismo, mas apresenta fortes preocupações em manter as fronteiras, e isto ajuda a entender o discurso adventista de separação dos dois movimentos. Essas fronteiras tradicionalmente foram vistas, como observado nos exemplos fornecidos neste artigo, por meio da supervalorização do conhecimento e da pregação cognitiva em detrimento do emocionalismo, que o adventismo parece acreditar existir no pentecostalismo.

Sendo assim, sempre que possível, a literatura adventista tentou afastar “qualquer cheiro de pentecostalismo” das práticas adventistas. Apesar de que a preocupação em delimitar fronteiras e teologias visando à preservação do grupo seja algo completamente normal, percebeu-se uma utilização frequente de linguagem com características triunfalistas e tendências a demonizar a teologia do outro. É verdade que, em alguns momentos, a apresentação de argumentos pode dar lugar ao rebaixamento do outro, mas não necessariamente ela precisaria ser assim.

Apesar de não ser sectária ou exclusivista em suas declarações oficiais, a IASD apresenta um dilema pragmático na sua relação com o pentecostalismo. Especialmente no campo estético, relacionado à liturgia e às músicas. Futuras pesquisas poderiam fazer levantamentos específicos sobre a maneira como o adventismo retrata outras denominações cristãs, comparando com os dados deste artigo, e verificando se há algum nível de desigualdade no tratamento, como foi levantado aqui de maneira hipotética.

Referências

BARROS, C.; LOPES, F. A dominação pelo gosto: o consumo na sociologia de Bourdieu. In: BACCEGA, M. (Org.). Comunicação e culturas do consumo. São Paulo: Atlas, 2008, pp. 111-222.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas: introdução, organização e seleção. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRUINSMA, R. The body of Christ: an Adventist understanding of the church. Hagerstown: Review and Herald, 2009.

BURRILL, R. Waking the dead: returning plateaued and declining churches to vibrancy. Washington, D.C.: Review and Herald, 2004.

CAMPOS, L. S. Evangélicos e Mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos. *Rever – Revista de Estudos da Religião*, n. 3, São Paulo, pp. 1-26, 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

CARVALHO, F. G. Ellen G. White e a Igreja Adventista do Sétimo Dia: carisma e dominação carismática. *Estudos de Religião*, v. 27, n. 1, pp. 123-136, jan-jun, 2013.

CASTELLS, M. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Col. Era da informação: economia, sociedade e cultura).

DOUGLASS, H. E. Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

FOLLIS, R. Turismo religioso, adventismo e lugares de memória. *Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 16, n. 49, pp. 38-65, Belo Horizonte, abr. 2018.

FOLLIS, R.; COSTA, S. Retratos e conflitos de missionários ocidentais na Turquia: análise da revista *Adventist Frontiers*. *Estudos de Religião*, v. 32, n. 3, São Bernardo do Campo, set.-dez. 2018.

FUCKNER, I. A Igreja Adventista do Sétimo Dia entre a Modernidade e a Pós-modernidade. *Mosaico*, v. 5, Goiânia, GO, pp. 159-169, 2012.

GIL FILHO, Sylvio Fausto; GIL, Ana Helena Corrêa. Identidade religiosa e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato Religioso. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. pp. 39-55.

GRAYBILL, R. D. Enthusiasm in early Adventist worship. *Ministry*, out. 1991.

IASD. Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

IASD. Questões sobre doutrina: o clássico mais polêmico da história do adventismo. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

KNIGHT, G. R. A mensagem de 1888. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

KNIGHT, G. R. Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

KNIGHT, G. R. Introdução histórica e teológica à edição anotada. In: IASD. *Questões sobre doutrina: o clássico mais polêmico da história do adventismo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

MARQUES, I. Surtos messiânicos no adventismo: estudo de dois casos. *Kerygma*, v. 9, n. 2, Engenheiro Coelho, SP, 2013.

- MARTINO, L. M. S. Comunicação e identidade: quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.
- MENDONÇA, A. G. Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.
- NICHOL, F. D. The midnight cry: a defense of the character and conduct of William Miller and the Millerites, whom is takenly believed that the second coming of Christ would take place in the year 1844. Washington, D.C.: Review and Herald, 1945.
- OLIVEIRA FILHO, J. J. Formação histórica do movimento adventista. Estudos avançados, v. 18, n. 52, São Paulo, dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300012>. Acessos em: 25 out. 2021.
- PATRICK, A. Later Adventist worship, Ellen White and the Holy Spirit: further historical perspectives. In: Spiritual Discernment Conference Papers, 1999. Disponível em: <http://www.sdanet.org/atissue/discern/flesh.htm>. Acesso em 13 fev. 2014.
- QUEIROZ, R. S. Mobilizações sociorreligiosas no Brasil: os surtos messiânicos milenaristas. Revista USP, n. 67, pp. 132-149, set./nov. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i67p132-149>. Acesso 30 de out. 2021.
- SANCHIS, P. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, A.; STEIL, C. (Orgs.). Globalização e religião. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- SARLI, J. A arte da adoração. Revista Ministério – edição especial Liturgia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, jul.-ago. 2013.
- SCHWARZ, R.; GREENLEAF, F. Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2009.
- SEPULVEDA, C. Reinventing Adventist history: how Adventist historians transformed Adventist heritage so that it would fit neatly into the national mythology. Electronic Journal of Adventist History. Hunstville, AL: Oakwood University, 2001. Disponível em <http://www.oakwood.edu/historyportal/Ejah/Reinventing%20SDA%20history.htm>. Acesso em 27 mar. 2014.
- SEPULVEDA, C. The tent and the cathedral: white-collar Adventists and their search for respectability. In: QUESTIONS ON DOCTRINE 50TH ANNIVERSARY CONFERENCE, 2007, Berrien Springs, MI. Anais. Disponível em: http://www.qod.andrews.edu/docs/05_ciro_sepulveda.pdf. Acesso em 27 mar. 2014.
- STAPLES, R. Adventism. In: DAYTON, D.; JOHSTON, R. The variety of american evangelicalism. Downers Grove: InterVarsity Press, 1991.
- STENCEL, R.; VOOS, A. Levantamento histórico da dissidência de L. R. Conradi. Kerygma, v. 9, n. 1, Engenheiro Coelho, 2013.

STOUT, K. B. Seventh-Day Adventist worship. In BRADSHAW, Paul F. (Ed.). *The new SCM dictionary of liturgy and worship*. Londres: SCM Press, 2005, pp. 429-432.

VELOSO, M. Importância da escatologia para a igreja contemporânea. In: TIMM, A.; RODOR, A.; DORNELES, V. (Orgs.). *O futuro: a visão adventista dos últimos acontecimentos*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2004, pp. 111-222.

VOLF, M. *Exclusão e abraço: uma reflexão teológica sobre identidade, alteridade e reconciliação*. São Paulo: Mundo Cristão, 2021.

WARREN, M. A. Black Seventh-day Adventists and worship. In ROCK, Calvin B. (ed.). *Perspectives: Black Seventh-day Adventists face the twenty-first century*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1996, pp. 111-222.

WHITE, E. G. *Mensagens escolhidas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000a. v. 2.

WHITE, E. G. *Mensagens escolhidas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000b. v. 3.

WHITE, E. G. *O desejado de todas as nações*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. G. *O grande conflito*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, E. G. *The Ellen G. White 1888 materials*. Washington, D.C.: The Ellen G. White Estate, 1987. v. 2.

Editora responsável: Alfredo Teixeira

Submetido em: 02/11/2021

Aprovado em: 18/02/2022